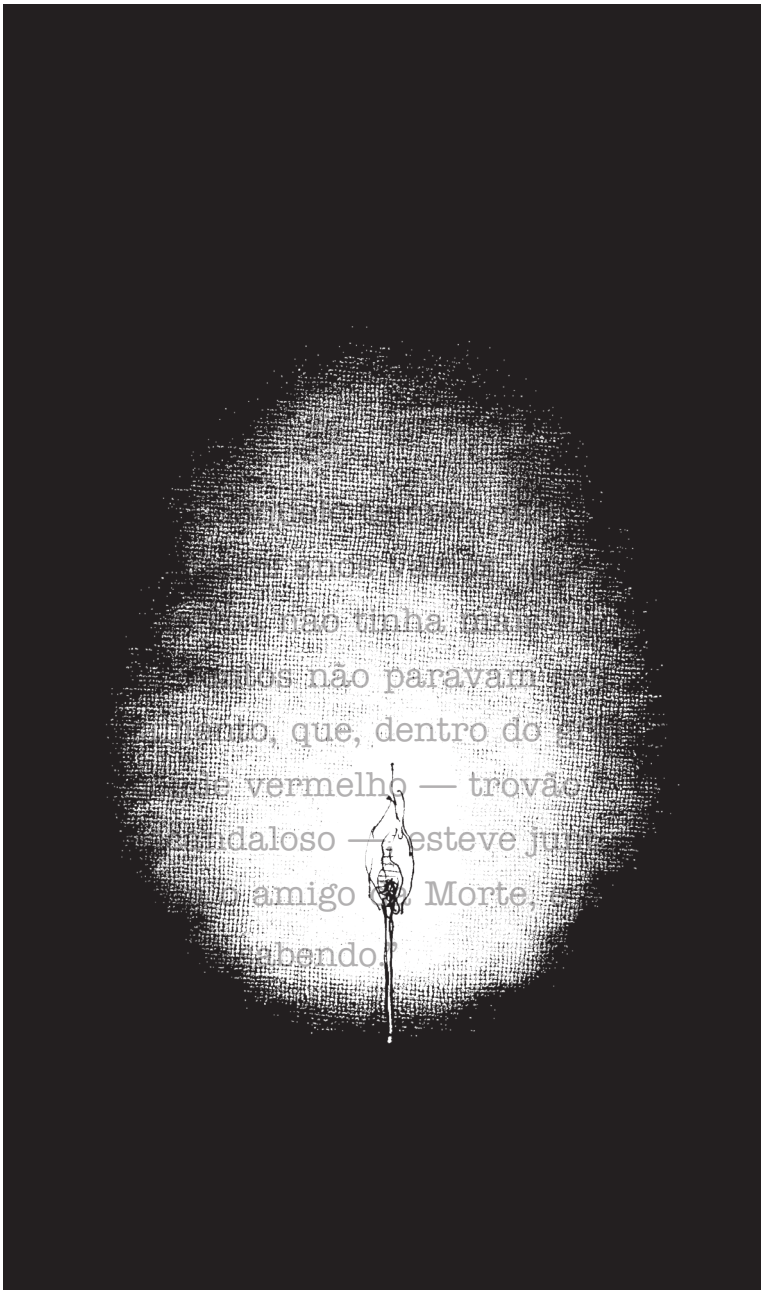


 BANDEIROLA

Amant Jacquin

B I B L I O T E C A P E S S O A L

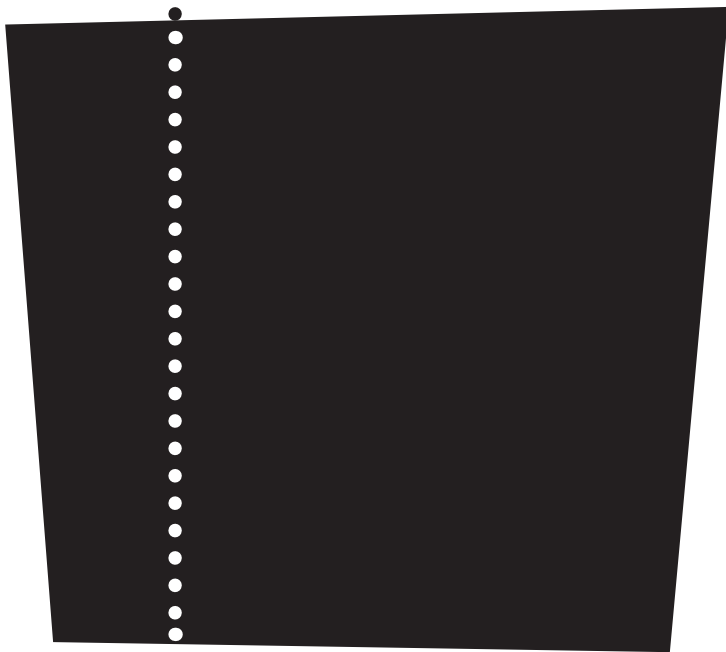


A N T O L O G I A

# A MULHER



e o



 BANDEIROLA

**BRAULIO TAVARES**

Seleção \* Tradução \* Apresentação

# **ESTRANHO**

**Narrativas do insólito**

**EMÍLIA FREITAS**

**EMILIA PARDO BAZÁN**

**KATE CHOPIN**

**KATHERINE MANSFIELD**

**MADELINE YALE WYNNE**

**MAY SINCLAIR**

**VERNON LEE**

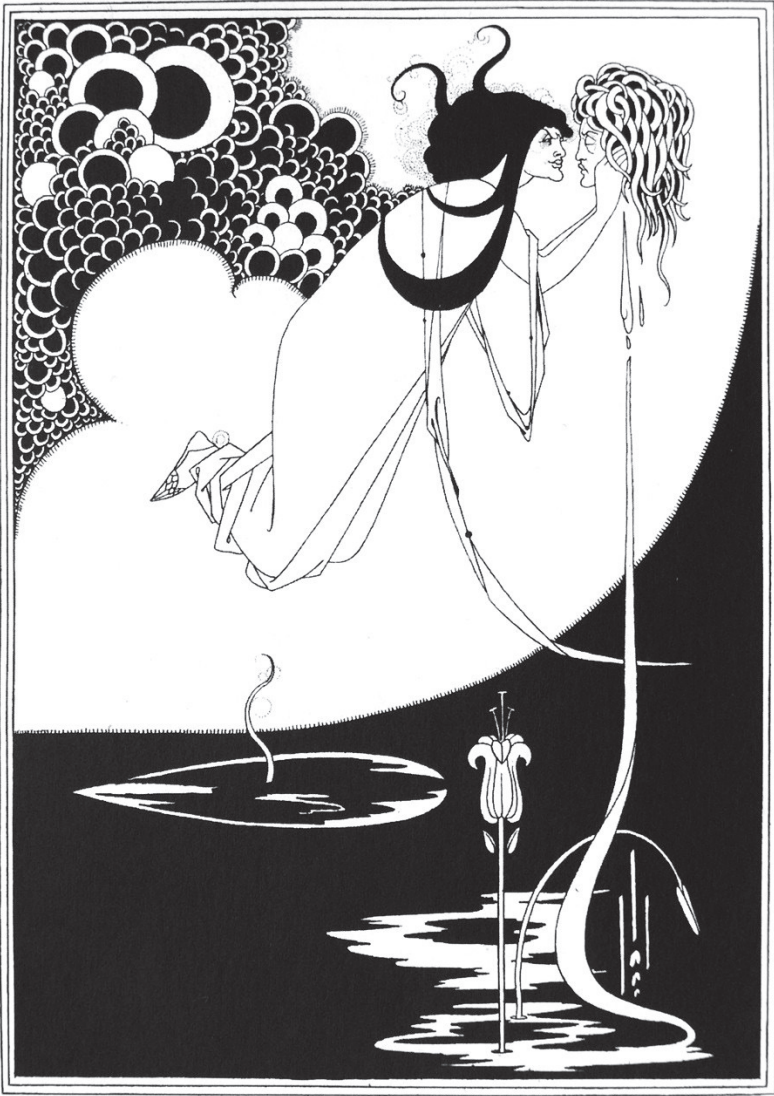
**VIRGINIA WOOLF**

*Nós enxergamos tudo num espelho, obscuramente. Às vezes conseguimos espiar através do espelho e ter uma visão de como são as coisas do outro lado. Se conseguíssemos polir mais esse espelho, veríamos muito mais coisas. Porém não enxergaríamos mais a nós mesmos.*

Jostein Gaarder, *Através do Espelho*, p. 88

# SUMÁRIO

Prefácio - <b>Braulio Tavares</b> .....	9
<b>Emilia Pardo Bazán</b> .....	23
A RESSUSCITADA (1908).....	25
<b>Katherine Mansfield</b> .....	31
A MOSCA (1922).....	33
<b>Virginia Woolf</b> .....	41
A MARCA NA PAREDE (1917).....	43
<b>Madeline Yale Wynne</b> .....	53
O QUARTO MENOR (1895).....	55
<b>May Sinclair</b> .....	71
A DESCOBERTA DO ABSOLUTO (1923) .....	73
<b>Kate Chopin</b> .....	97
A TEMPESTADE (1898).....	99
<b>Vernon Lee</b> .....	107
A BONECA (1927).....	109
<b>Emília Freitas</b> .....	121
A RAINHA DO IGNOTO (excerto, 1899).....	123



*The Climax*, Aubrey Beardsley, Dominio Público, Wikimedia Commons

# A MULHER e o ESTRANHO

---

**O insólito nas narrativas escritas por  
mulheres entre os séculos 19 e 20,  
aproximações entre o realismo e o fantástico**

---

**Braulio Tavares**

Esta não é uma antologia de contos fantásticos propriamente ditos. As histórias aqui incluídas se situam em diferentes pontos de uma zona cinzenta entre o Fantástico e o Realismo.

Esses dois termos, aliás, não são antônimos. Talvez eles se refiram a diferentes camadas de nossa mente. Chamamos de realistas as histórias que parecem ser confirmadas por nossos estímulos sensoriais, nosso raciocínio causal, e o consenso dos que nos cercam. E chamamos de fantásticas as histórias em que surgem situações, elementos ou relações estruturais que não conseguimos validar por um ou mais desses critérios.

Toda narrativa fantástica postula algum elemento implicitamente realista (ambiente, seres, ações etc.) e toda narrativa realista envolve processos mentais extremamente subjetivos, ainda que seja a subjetividade coletiva das ideologias, religiões, visões do mundo etc.

**Todo realismo é uma tentativa de  
estabelecer um consenso e depois  
expandi-lo, ao passo que as narrativas  
fantásticas tendem a retratar experiências  
únicas, impossíveis de confirmar, de  
controlar e de repetir.**

## ESTA SELEÇÃO

Os contos reunidos nesta antologia misturam propositalmente as convenções do conto fantástico e as do conto *mainstream* (ou de realismo psicológico). Há toda uma literatura surgida naquela época que se volta para a exploração do que Fernando Pessoa chamou “o Eu profundo e outros eus”, e que ocorria livremente antes que as convenções da crítica e do mercado editorial produzissem os rótulos atualmente em uso.

Marina Warner, em *Phantasmagoria* (Oxford University Press, 2006), mostra o quanto a virada do século 19 para o 20 presenciou um fervilhar de interpretações científicas, pseudo-científicas, filosóficas e literárias para esse universo mental que a Psicanálise não era a única a desvelar.

Ela recorda a expressão “*Ver com os olhos fechados*”<sup>1</sup>, e lembra que o Gótico teve o seu papel nisso:

*Nos anos 1780, o desvio do “uncanny” para o mundo interior pôs em ação uma nova metafísica da psique, e se refletiu no gosto popular por espetáculos macabros, como a fantasmagoria, e as fantasias lúgubres dos contos góticos. (...) [Por outro lado,] Thomas de Quincey transformou o gênero literário do ensaio, especialmente em seu “Suspiria De Profundis”, num meio para reconstituir seus próprios processos mentais, inaugurando os autorretratos imaginativos numa espécie de fluxo-da-consciência antecipado, e renunciando o tipo de escrita automática a ser depois encampado por pesquisadores da telepatia, pelos Surrealistas e por experimentalistas como Henri Michaux.*

(Pág. 210-211)

---

1 HINTON, James. “Seeing with the Eyes Shut.” In: *The Cornhill Magazine*, 1 ed. London: Smith, Elder & Co., 1862

Um brilhante exemplo desse Inconsciente que brota aos borbotões a partir do menor estímulo é o conto curto de Virginia Woolf, **A marca na parede**, que contrapõe um homem ansioso pelo noticiário internacional da imprensa e uma mulher de enorme e represada energia imaginativa. A mesma sutileza sustenta a estrutura do conto de Katherine Mansfield, **A mosca**, em que a autora, manipulando seus cordéis pelo lado de fora do texto, mostra dois homens que se aproximam e se afastam de seus próprios pensamentos em impulsos desajeitados, ansiosos, desorientados pelo impacto da morte onipresente.

Como diz Terry Castle, a linha divisória entre o realismo psicológico e o conto fantástico é a mais tênue das linhas, e parece estar ali não para separá-los, mas para mantê-los colados um ao outro. A morte é também o tema central do conto de Emilia Pardo Bazán, uma morte que questionamos, e que acompanhamos do começo ao fim sem saber o que fazer com ela, numa reação semelhante à da família da “ressuscitada”.

**A boneca**, de Vernon Lee, pode ser visto como um conto rigorosamente realista, não fosse sua autora uma especialista na justaposição de imagens, situações e alusões que remetem o tempo inteiro para o domínio movediço do inconsciente.

Nesses contos reencontramos a fascinação de Freud com os simulacros humanos, as criaturas artificiais das quais se gerou o conceito contemporâneo de *Uncanny Valley* — aquela região do pensamento em que não sabemos se estamos tomando uma criatura viva por sua representação, ou vice-versa.

No conto **A tempestade**, de Kate Chopin, podemos, como naquelas antigas gravuras ambíguas, nas quais nossos olhos escolhem entre duas imagens contraditórias, ver um fato ou o desencadear de uma tempestade íntima em que a personagem ou julga experimentar sua fantasia ou distorce o mundo à sua volta (mais uma vez a “onipotência do pensamento”) para que ela aconteça.

Visões utópicas situam-se não muito longe dessas fantasias em que o nosso pensamento, num processo de *wish-fulfillment*, arranca do nada um mundo fictício onde as coisas acontecem como deveriam acontecer, um mundo conjurado e sustentado pelo nosso desejo. Algo nessa linha pode ser visto no conto de May Sinclair, com sua utopia laica, de livres-pensadores, num meta-universo de intelecto puro e onipotente.

Num plano historicamente mais próximo, temos o romance pioneiro de Emília de Freitas, **A Rainha do Ignoto** (1899): uma ferrovia subterrânea conduz a uma utopia onde não se acessa apenas o inconsciente pessoal, mas o de toda uma população soterrada sob a História oficial (as mulheres, os escravizados). O conceito abolicionista de “underground railway”, mera metáfora para uma rota de apoio aos negros fugitivos, traz uma poderosa carga simbólica, recentemente resgatada num livro homônimo de Colson Whitehead, adaptado para série de TV (2016).

**O Quarto Menor**, de Madeline Yale Wynne, é um texto merecedor de figurar em qualquer antologia de contos-enigma, histórias sem resposta, histórias com o final faltando, histórias em que a mente do leitor se vê condenada a girar perpetuamente numa produção febril de hipóteses, todas possíveis, todas insatisfatórias. Ao fazer com que a realidade física da “casa da infância” se modifique de acordo com a pessoa que a observa ou recorda, Wynne demonstra com grande economia de meios o caráter fluido, movediço, de nossa memória pessoal.

**Histórias desse tipo cumprem uma função rara na literatura, a de serem propositalmente incompletas, tendo em seu centro algo como um buraco negro, cuja presença se faz sentir, mas que não é possível descrever.**

Elas nos deixam no umbral da estranheza propriamente dita, circulando em torno de algo que não vemos, como quando tentamos lembrar um nome que temos certeza de conhecer, mas no instante de pronunciar nos foge por completo.

## OUTRAS OBSERVAÇÕES

Nas antologias que tenho organizado nas últimas décadas, adoto alguns princípios simples: um deles é o de não colocar trechos de romances. Desobedeci a esse critério no presente caso. A ideia por trás de uma antologia “vintage” pressupunha a presença de textos cuja época fixei, meio arbitrariamente, como anterior à metade do século passado. O desejo de incluir autoras brasileiras dessa época me fez recorrer a um romance. Certamente há uma boa quantidade de contos passíveis de inclusão, mas um editor só pode publicar o que lhe chega ao conhecimento. Optei pela inclusão de trechos do romance de Emília de Freitas, porque me parecem significativos, ligados ao tema e integrados à nossa literatura.

## AS ALMAS CREPUSCULARES

**Esta antologia reflete,  
mais do que a literatura fantástica,  
a literatura dessas personalidades  
crepusculares que agem na zona de sombra  
entre o ensolarado mundo exterior e  
as suas penumbras íntimas.**

O poema abaixo, de Emily Dickinson (uma representante desse espírito, no campo poético), pode servir de complemento. É difícil traduzir à altura o verso preciso da poeta de Amherst, cortante como golpes curtos de *katana*. Muitas vezes, ao tradu-

zir poemas, sacrificamos um pouco do sentido em benefício da valorização da métrica e da rima. Neste caso, escolhi a abordagem inversa.

### **One need not be a Chamber — to be Haunted<sup>2</sup>**

Emily Dickinson (1862)

*Não é preciso ser um quarto, para ter fantasmas;  
não é preciso ser uma casa.  
A mente tem seus corredores  
mais longos que a matéria.*

*É mais seguro confrontar de madrugada  
um espectro exterior  
do que se deparar com o vulto íntimo,  
este gélido anfitrião.*

*É mais seguro cruzar correndo uma abadia  
perseguida por estátuas,  
do que esbarrar em si, sem armas,  
num local deserto.*

*Ver a nós mesmos, surgindo por trás de nós,  
deveria nos assombrar;  
um assassino em nosso apartamento  
é dos horrores o menor.*

*O corpo pode comprar um revólver,  
aferrolhar a porta  
— e, com isso, desdenha um espectro maior;  
ou mais de um.*

---

<sup>2</sup> Original em: *The Complete Poems of Emily Dickinson*, ed. Thomas H. Johnson (Little Brown and Company, 1960). Trad. Braulio Tavares

## ALGUMAS OBRAS CONSULTADAS

- CASTLE, Terry. *The Female Thermometer: Eighteenth. Century Culture and the Invention of the Uncanny*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995
- FREUD, Sigmund. “O Estranho”, in: *Uma Neurose Infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- JOHNSON, Thomas H (ed.). *The Complete Poems of Emily Dickinson*. Boston: Little, Brown and Company, 1960.
- LUNDIE, Catherine A.. *Restless Spirits: Ghost Stories by American Women, 1872-1926*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1996
- SALMONSON, Jessica Amanda (org.). *What Did Mrs. Darrington See? An Anthology of Feminist Supernatural Fiction*. New York: The Feminist Press, 1989
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975, trad. Maria Clara Correa Castello.
- WARNER, Marina. *Phantasmagoria – Spirits Visions, Metaphors, and Media into the Twenty-First Century*. Oxford: Oxford University Press, 2006

## OBRAS MENCIONADAS

RADCLIFFE, Ann. *Os Mistérios de Udolpho* (2 volumes). Vitória: Editora Pedrazul, 2019, trad. Bianca Costa Sales.

RADCLIFFE, Ann. *The Castles of Athlin and Dunbayne*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, trad. Hildegard Feist.

WHITEHEAD, Colson. *The Underground Railroad: Os caminhos para a Liberdade*. São Paulo: Harper Collins, 2017. Trad. Caroline Chang.

*Livro de horas de Sórora Dolorosa — a que morreu de amor*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1920, trad. Guilherme de Almeida.

# A MULHER E O ESTRANHO

Emilia Pardo Bazán nasceu em La Coruña (Espanha) em 1851 e morreu em Madrid em 1921. Era filha única, em uma família de ideias liberais, e recebeu um tipo de educação a que as garotas do seu tempo não tinham acesso, incluindo a leitura de obras clássicas e o estudo de línguas estrangeiras. Desde muito cedo revelou talento para a escrita e uma posição desassombrada diante das convenções sociais.

Casou-se muito cedo, aos dezesseis anos, e separou-se catorze anos depois, tendo ficado com três filhos. Na sociedade espanhola de então, muito conservadora, conseguiu levar uma vida independente e manteve algumas relações românticas, inclusive com o escritor Benito Pérez Galdós.

Foi uma das grandes figuras literárias de seu país; publicou um grande número de livros, atuou intensamente nos círculos literários de sua época. Seus escritos, com influência do romance naturalista, expunham ideias avançadas para seu tempo, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade e à maneira de encarar o sexo. Por outro lado, suas posições políticas eram conservadoras. Foi eleita para o Senado, mas não tomou posse, tendo morrido logo em seguida.

Seu romance de estreia foi *Pascual López, autobiografía de un estudiante de medicina* (1879).

*La tribuna* (1883) é um romance pioneiro em sua descrição da vida de uma mulher operária, que lidera greves e defende a república. *La cuestión palpitante* (1882) reúne uma série de artigos publicados na imprensa, em que ela defendia a literatura (escandalosa na época) de Émile Zola. O livro provocou alvoroço e polêmica na sociedade espanhola, o que conduziu ao fim do seu casamento.

# EMILIA PARDO BAZÁN

Entre as dezenas de obras que publicou, há romances, peças teatrais, coletâneas de contos (inclusive contos fantásticos e de mistério), ensaios, relatos de viagem, poesia, biografias (de São Francisco de Assis, Hernán Cortés, Francisco Pizarro etc.).

**A ressuscitada** retoma, com economia de meios e precisão descritiva, o tema clássico dos mortos que retornam, não como zumbis ou assombrações, mas como pessoas aparentemente normais que tentam se reintegrar à vida que levavam antes. Um tema que recentemente foi ecoado no cinema com o filme *Les Revenants* (Robin Campillo, 2004), em que centenas de pessoas se erguem de suas tumbas e voltam para casa, aparentemente amnésicas e fisicamente intactas. Enredos semelhantes inspiram a série de TV australiana *Glitch* (Tony Ayres e Louise Fox, 2015-2019) e a norte-americana *Resurrection* (Aaron Zelman, 2014-2015).

---

### ***La resucitada* (1908), Emilia Pardo Bazán**

---

Primeira publicação: *El Imparcial*, 29 de junho de 1908

Primeira publicação em livro: *Cuentos trágicos*, 1912



# A RESSUSCITADA

Emilia Pardo Bazán

ARDIAM OS QUATRO CANDELABROS, soltando grossas gotas de cera. Um morcego, despreendendo-se do teto abobadado, começou a descrever curvas inquietas no ar. Um vulto negro, miúdo, deslizou ao longo das lajes do piso e subiu com furtiva cautela por uma prega do pano mortuário. Nesse mesmo instante, Dorotea de Guevara, estirada na tumba, abriu os olhos.

Sabia muito bem que não estava morta; mas um véu de chumbo e o cadeado de bronze a tinham impedido de ver e de falar. Ouvira, isto sim; e percebera — como se percebe durante os sonhos — tudo que lhe fizeram durante o processo de lavar o corpo e vestir a mortalha. Escutou os gemidos do esposo, e sentiu as lágrimas dos filhos caírem no seu rosto pálido e hirto. E agora, na solidão da igreja trancada, recobrava os sentidos e estava tomada de espanto. Não era um pesadelo, era real. Ali estava o féretro, ali os círios... e ela própria, envolta no sudário branco, tendo ao peito o escapulário de Nossa Senhora das Mercês.

Agora refeita, a alegria de ainda existir se sobrepôs a tudo. Estava viva! Como era bom viver, reviver, não cair naquele poço escuro! Em vez de ser baixada à terra ao amanhecer, de ser levada nos ombros dos criados até a cripta, voltaria ao seu doce lar, e ouviria o clamor de regozijo de todos que a amavam